



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de entrega do Mérito Cultural**

Palácio do Planalto, 09 de novembro de 2004

Meu querido companheiro Gilberto Gil, ministro da Cultura,
Minha querida companheira Marisa,
Embaixadora Cecília Soto González, embaixadora dos Estados Unidos
do México,
Embaixador António Manuel Franco, embaixador da República
Portuguesa,
Meu caro Waldir Pires,
Meu querido Jaques Wagner,
Minha querida senadora Roseana Sarney,
Meu querido companheiro Eduardo Suplicy, senador da República,
Deputados Paulo Rubens Santiago e Chico Alencar,
Senhores e senhoras agraciados com a Ordem do Mérito Cultural,
Senhores e senhoras representantes dos movimentos culturais,
Jornalistas,
Meus amigos e minhas amigas,

Eu prometi para a Marisa que hoje não haveria nenhum segundo de improviso, porque estamos com a agenda muito atrasada, mas eu tinha vontade de falar muito mais com a alma do que com o texto. Mas eu vou, diante da necessidade, controlar os meus ímpetos aqui, viu, José Celso.

O que nós estamos celebrando hoje é, acima de tudo, o reconhecimento ao que temos de mais caro na alma nacional: a nossa cultura. Ela está presente na grande arte do futebol, representada aqui pelo rei Pelé; na música encantadora de Caetano e no imenso legado que nos deixaram Orlando Villas



Bôas, Fernando Sabino, Rachel de Queiroz e o nosso querido Renato Russo.

Nossa alma brasileira também está impressa nos gibis de Maurício de Sousa, nos quais nossos filhos lêem algumas de suas primeiras palavras, inclusive aprendendo errado, com o Chico Bento, algumas delas. E na forma pela qual cada uma das quarenta personalidades e grupos que recebem hoje a Ordem do Mérito Cultural reinventam e transfiguram o mundo pela sua imaginação criadora.

Falo, inclusive, dos homenageados e homenageadas que, embora tenham trabalhado com afincio e talento durante toda a sua vida, ainda não têm o devido reconhecimento nos grandes teatros, nas livrarias, no rádio ou na televisão.

É o caso da Maria, da Regina e da Conceição das Neves – deficientes visuais – que vieram de Campina Grande, lá na Paraíba, para nos brindar com a luz de suas vozes. Ou do Povo do Açude, da Serra do Cipó, em Minas, que mantém viva a dança do Candombe desde o tempo dos escravos.

Juntas, essas personalidades e esses grupos evidenciam a força de nossa identidade cultural. Uma identidade plural, nascida em meio à riqueza artística e imaginativa dos povos que deram origem à nação brasileira. E que sempre manteve um fértil diálogo entre a arte popular e a erudita, entre as expressões genuinamente brasileiras e aquelas que recebemos de outros países.

E nós sabemos que tudo isso só é possível porque a verdadeira cultura transcende fronteiras, sejam elas entre países, etnias, classes sociais e religiões.

Meus amigos e minhas amigas,

Estamos empenhados, governo e sociedade, em criar o máximo de possibilidades para que nós, brasileiros e brasileiras, consigamos expressar cada vez mais a nossa criatividade.

Uma política cultural contemporânea deve ampliar o acesso aos bens e



manifestações culturais e, ao mesmo tempo, expandir a possibilidade de as pessoas darem vazão ao seu espírito criador.

Com os Pontos de Cultura, por exemplo, o companheiro Gilberto Gil e sua equipe começarão brevemente a repassar às comunidades organizadas não só uma verba para seus projetos, mas também câmeras de vídeo e computadores.

Nosso objetivo é que os artistas populares consigam materializar sua criatividade também em produtos audiovisuais e digitais e possam usar a tecnologia como forma de divulgação. Duzentos e cinquenta pontos já foram selecionados por meio de edital e os primeiros contratos estão sendo assinados. Isso permitirá, não só às comunidades urbanas, mas também às indígenas e quilombolas, o acesso aos meios de produção e expressão de sua riqueza cultural. Em 2005, teremos mil comunidades selecionadas.

Ao mesmo tempo, fortalecemos a nossa política de incentivo à produção cultural para permitir que novos talentos tenham acesso a financiamentos. E trabalhamos nos aperfeiçoamentos legislativos que têm por objetivo valorizar e apoiar a livre difusão cultural, como é o caso do Projeto da Ancinav e outros.

Os textos preparatórios para o Projeto de Lei da Ancinav receberam mais de 400 propostas durante consulta pública. Todas elas estão sendo analisadas e, ainda neste mês, o Conselho Superior de Cinema começa a preparar o texto final que será encaminhado para votação no Congresso Nacional.

Além disso, queremos que os produtos culturais brasileiros, a exemplo do que já ocorre com a indústria e a agricultura, tenham cada vez mais acesso aos mercados de todo o mundo. Afinal, este é um dos segmentos que mais cresce na vida econômica internacional, com um enorme potencial de geração de emprego e renda.

Com toda a sua autonomia, com liberdade e sem nenhuma obrigação propagandística, a arte tem uma capacidade quase mágica de falar às mentes



e aos corações de cidadãos e cidadãs de qualquer nacionalidade, compartilhando sensibilidades. Por isso mesmo, ela é um poderoso instrumento da construção da paz.

Todos que estão sendo homenageados aqui, hoje, têm um importante papel nesse processo de construção. E é por isso que quero agradecer a todos vocês pelo que têm feito ao nosso país e dar-lhes os meus mais sinceros parabéns.

Meus amigos e minhas amigas, uma palavrinha sobre o Projeto da Ancinav. Não é fácil, no nosso país, qualquer mudança em profundidade que queira se fazer sobre qualquer ramo das atividades econômicas. O Pelé teve experiência como ministro de Esportes. Todo mundo pensava: “Como o Pelé é o rei do futebol, vai chegar ao governo e fazer um projeto de lei; o projeto de lei vai se chamar Lei Pelé e isso, no Congresso, vai ser aprovado com uma rapidez imensa, vai ser executado e estará resolvido o problema do futebol brasileiro.”

Ledo engano, porque as adversidades existem muitas vezes no anonimato e, quando se apresenta uma proposta, por melhor que seja, que tente mudar alguma, ela começa a mexer com hábitos, com costumes, com pessoas que acham que aquilo é um direito adquirido e aí é um trabalho imenso. Acho que o Gil já apanhou o que tinha que apanhar, por conta do Projeto de Lei da Ancinav.

Obviamente que nós não queremos fazer uma lei, como disse o nosso querido Carrilho, para tirar nada de ninguém. O que nós queremos é garantir direitos a outros que não têm direitos; o que nós queremos é aumentar o número de pessoas que possam ter direitos neste país; queremos aumentar o número de pessoas que possam participar da atividade cultural no nosso país. E, mesmo assim, nós enfrentamos uma adversidade muito grande, porque estamos mexendo com hábitos, estamos mexendo com pseudodireitos, estamos mexendo com costumes e tudo isso é sempre muito complicado.



Eu me lembro de uma conversa que tive com o companheiro Gilberto Gil... primeiro, nós não estamos fazendo um projeto para nós, o projeto não é para o Gil, não é para o Lula, não é para este governo; é um projeto cultural para uma nação que já tem 500 anos e, quem sabe, um projeto que possa durar mais 500 anos. E isso vai exigir de vocês dedicação, vai exigir de vocês capacidade de persuasão, vai exigir de vocês, que fazem parte da cultura viva deste país, um trabalho imenso nesse debate, para que a gente possa, definitivamente, provar ao Brasil que muitas vezes as mudanças, por mais complicadas que pareçam, precisam acontecer; é preciso que elas existam para que a gente possa se adequar aos novos tempos. É isso que nós estamos tentando fazer. E eu acho que a dedicação do Gil e da sua turma, não a “Turma da Mônica”, mas a turma do Ministério da Cultura, certamente esses companheiros vão conseguir convencer a maioria da sociedade, convencer parte dos opositores ao projeto, convencer o Congresso Nacional – Câmara e Senado – de que é importante que o Brasil tenha um novo projeto de cultura para o nosso país.

Meus parabéns!

A Turma da Mônica concorda. Muito bem.

Gente, meus parabéns a todos vocês. Boa sorte e meus parabéns, Gilberto Gil.